

A lágrima do robô

CARLOS EDUARDO NOVAES

Ilustrador: ARTUR LOPES

O texto ficcional desta obra é o mesmo da edição anterior

A lágrima do robô

© Carlos Eduardo Novaes, 2005

DIRETOR EDITORIAL · Fernando Paixão

EDITORA · Gabriela Dias

EDITORES ASSISTENTES · Leandro Sarmatz e Fabricio Waltrick

APOIO DE REDAÇÃO · Pólen Editorial e Kelly Mayumi Ishida

PREPARADORA · Andréa Vidal

COORDENADORA DE REVISÃO · Ivany Picasso Batista

REVISORAS · Salete Brentan, Ana Luiza Couto, Denise Trevisan de Góes
e Cátia de Almeida

ARTE

ILUSTRAÇÃO DA CAPA · Maurício Veneza

PROJETO GRÁFICO · Tecnopop

EDITORA · Cintia Maria da Silva

DIAGRAMADORA · Ana Paula Fujita

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA · Estúdio O.L.M. e Exata

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N815L

2.ed.

Novaes, Carlos Eduardo, 1940 -

A lágrima do robô / Carlos Eduardo Novaes ; ilustrações

Artur Lopes. - 2.ed. - São Paulo : Ática, 2008

136p. ; il. - (Sinal Aberto)

Contém suplemento de leitura

Inclui apêndice e bibliografia

ISBN 978-85-08-10722-3

1. Robôs - Literatura infantojuvenil. I. Lopes, Artur.

II. Título. III. Série.

06-3352.

CDD 028.5

CDU 087.5

ISBN 978 85 08 10722-3 (aluno)

ISBN 978 85 08 10723-0 (professor)

Código da obra CL 735411

CAE: 212835 - AL

2014

2ª edição, 6ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática · 2006

Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sobre homens e robôs

Será que um dia as máquinas vão **substituir os seres humanos** em todas as atividades?

Ainda é cedo para responder a essa pergunta, mas Plínio, um robô, foi construído para trabalhar numa montadora de automóveis, causando a **demissão** de vários trabalhadores. Entre eles, Barata, o pai de Tavinho, um garoto de 12 anos apaixonado por robôs.

Mas como **tudo na vida se transforma** – inclusive na vida dos robôs –, depois de dois anos de trabalho, o próprio Plínio é considerado obsoleto. E, para sua decepção, é vendido a uma metalúrgica que produz carrinhos de supermercado.

Surpresas acontecem, porém.

As vidas de Plínio e de Tavinho se cruzam inesperadamente quando o menino encontra o robô perdido e avariado, após cair do caminhão que o levava para seu novo local de trabalho. Para desespero de Barata – que tem verdadeiro ódio desses **seres artificiais** –, Tavinho leva o robô para casa.

O que nem Plínio nem Tavinho desconfiam é que há um detetive no rastro da máquina – e logo um monte de **confusão** (além de uma **malandragem** espertíssima do garoto) vai tomar conta da vida de robôs e seres humanos.

No fim do livro, o autor de *A lágrima do robô*, Carlos Eduardo Novaes, fala sobre seu trabalho em uma entrevista exclusiva.

Não perca!

- *Os problemas sociais causados pela automação industrial.*
- *A engraçada história de uma família às voltas com autômatos.*



Esta obra é dedicada aos meninos e meninas de hoje, que, quando crescerem, vão ter que disputar seus empregos com os robôs.

Este é, portanto, um livro sobre o futuro e, desse modo, não poderia começar com a clássica expressão “Era uma vez...”.



I

Será uma vez...

Um robô com cabeça, tronco, membros, visão periférica e sensores de voz, densidade, temperatura e raciocínio elaborado.

Seu nome é Plínio. Ele mede um metro e quarenta e oito centímetros e pesa cinquenta quilos. Apesar de todos os avanços da ciência, ele continua, como seus ancestrais, desconhecendo emoções e sentimentos. Não ri, não chora, nunca sente raiva, vergonha ou tristeza, ignora os afetos, não sabe o que é medo nem compaixão. É pura lógica.

Plínio veio ao mundo por obra e graça de uma multinacional japonesa instalada no interior de São Paulo, e não demorou a conseguir emprego em uma montadora de automóveis no estado do Rio de Janeiro. Trabalha feito um condenado, executando suas doze tarefas diárias sem pausas nem intervalos. Em compensação, ao ouvir a sirene da fábrica, interrompe o que estiver fazendo — seja lá o que for — e para de estalo. Não move mais um dedo.

Aconteceu um dia, porém — vale a pena contar —, o *timer* de Plínio enguiçou. A sirene tocou, as máquinas pararam, os operários foram para casa e ele continuou sozinho, realizando suas tarefas. Deu o maior prejuízo à montadora.

— Ficou louco? — perguntou-lhe o gerente Barbas, observando os estragos.

— Ninguém mandou parar — respondeu Plínio, com sua voz metálica. — Cumpro ordens. Apenas cumpro ordens.

— Pois se fizer outra dessas mando você para o ferro-velho! — ameaçou o gerente, reiniciando seu código de programação.

O ferro-velho é o inferno dos robôs.

Plínio, como todo autômato, é de poucas palavras. Educado, cumprimenta a todos na fábrica, mas percebe-se que tanto ele quanto seus companheiros de metal são tratados com certo menosprezo pelos operários de carne e osso. Dizem que os humanos sentem uma ponta de inveja dos robôs, que não precisam esquentar a cabeça com dívidas e contas a pagar no fim do mês.

As duas tribos não se misturam. Têm chefes diferentes, alojamentos distintos e só não se sentam em mesas separadas no refeitório porque os robôs, sem aparelho digestivo, não frequentam o local.

Na única vez em que se enfrentaram, num campo de futebol, o jogo não chegou ao final. Diga-se, desde logo, que os robôs mantiveram um comportamento quase exemplar: não reclamavam das expulsões, nem de pênaltis mal marcados (o juiz era de carne e osso), não faziam “cera” nem se adiantavam na barreira. Em contrapartida, saíam chutando tudo o que aparecia pela frente. Por isso, o time dos operários, mais “técnico”, acabou perdendo a cabeça e partindo para a briga.

— Vem! Cai dentro, se você é homem!

— Eu não sou homem. Não sou!

— Você é uma bichona mal-acabada!

— O que é bichona? O que é?

Os humanos encheram os robôs de porrada, arrebatando-os, espalhando seus braços e suas pernas pelo gramado. Só interromperam a pancadaria quando um diretor invadiu o campo aos berros:

— Para! Para!

E dirigindo-se aos operários:

— Vocês querem levar a fábrica à falência? Sabem o quanto pagamos por esses robôs?

E saiu catando os pedaços, acompanhado de seus assistentes.

Na lateral do campo, um operário de carne e osso gemia de dor, sem receber nenhuma atenção.



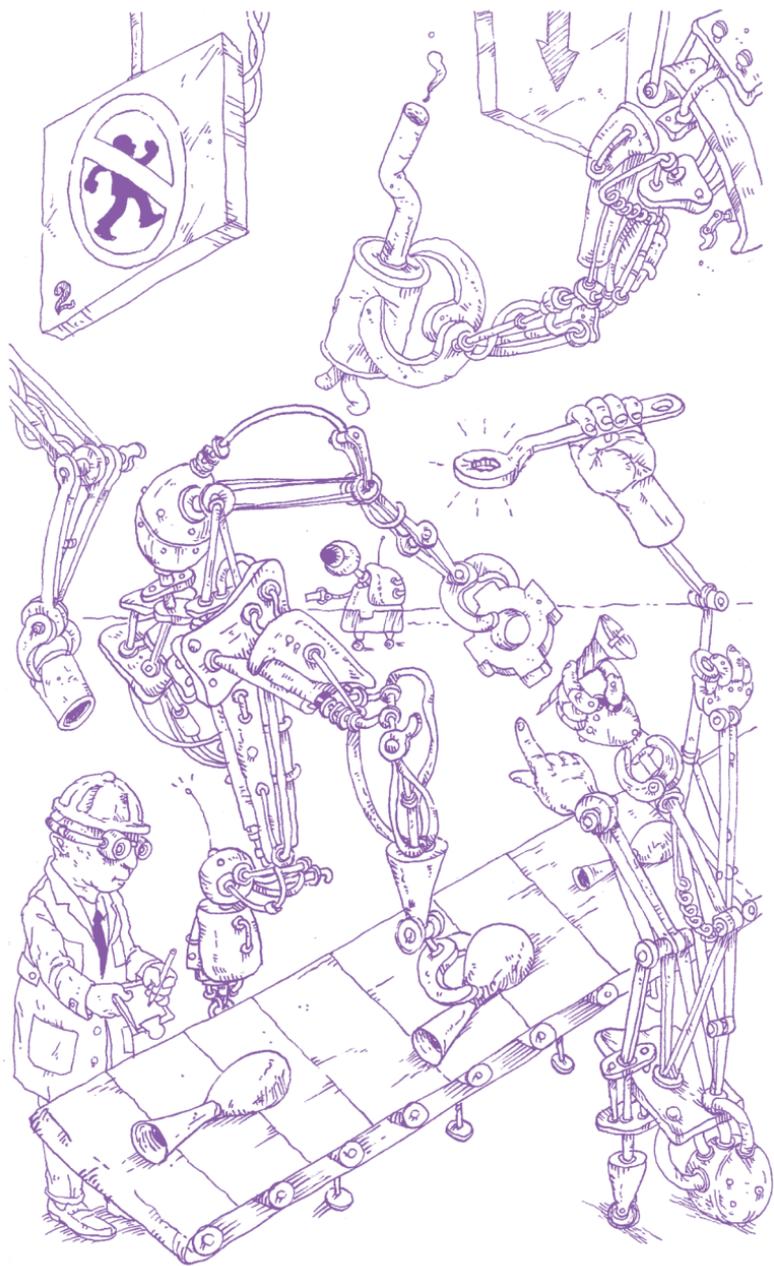
2

Plínio é produto da terceira geração de modelos articulados, chamados de andróides. Chegou à montadora para substituir os velhos robôs, que mais pareciam animais pré-históricos, formados por um tronco sem cabeça e longos braços com garras nas extremidades.

No dia de sua chegada, foi escolhido ao acaso para comparecer à sala do presidente da empresa, que queria exibir os “novos operários” à diretoria. Plínio entrou com seus passinhos curtos, levado por Barbas, e logo se percebeu no centro das atenções. Entre encantados e surpresos, os diretores olhavam-no como a um marciano.

Do ponto de vista do pequeno Plínio, no entanto, aquelas figuras enormes, cheias de pelos e dentes, é que pareciam seres de outro planeta, dentro de roupas esquisitas, uma tira de pano amarrada no pescoço, alguns com armações de vidro na frente dos olhos, movendo-se sem nenhuma coordenação. A um canto, uma figura diferente, cara pintada, cabelos longos, pernas à mostra, equilibrando-se sobre estranhos calçados de salto alto.

Era a Mulher, como Plínio veio a saber mais tarde, a parceira do Homem desde... como era mesmo o nome do casal? Ah, Adão e Eva! Entre os autômatos não havia sexo, de modo que o robô demorou um pouco a entender essa coisa de masculino e feminino.



Parado no meio da sala, Plínio ouvia o presidente discorrer sobre os avanços da automação na empresa. Falava, entusiasmado, sobre a redução dos custos e o aumento da lucratividade proporcionados “por esses operários fantásticos que não tiram férias, não fazem greve e — o melhor — não reivindicam salários”.

Aí aconteceu algo que mexeu com os parafusos de Plínio. Os diretores riram muito dos comentários do presidente, e o robô não entendeu o significado daquelas bocas se abrindo, daqueles dentes expostos, em reações ruidosas. Plínio desconhecia o riso.

— Eles estão passando mal? Estão? — perguntou Plínio a Barbas.

— Pelo contrário. Estão na maior alegria com a sua chegada.

— O que é alegria? O que é?

— É uma sensação boa...

— Todo mundo está na maior alegria com a minha chegada? Está?

— Nem todos, Plínio, nem todos.



3

Ao deixar a sala, Plínio passou por um outro grupo de homens, de cores variadas — uns mais claros, outros mais escuros —, diferentes daqueles que encontrou na presidência, todos brancos. Amontoados diante do Departamento do Pessoal, esses homens não usavam roupas esquisitas, não expunham seus dentes nem emitiam sons do tipo “ha! ha! ha!”.

— Isso não é justo! — esbravejava um deles. — Dei os melhores anos da minha vida para essa fábrica. Tenho 46 anos, estou cheio de dívidas... Onde vou arranjar outro emprego para sustentar minha família? Tenho mulher, dois filhos, um sogro entrevado. Isso é uma grande sacanagem!

— Esses não ficaram nada alegres com sua chegada — cochichou Barbas a Plínio.

— Mas, se são todos da mesma espécie, por que uns ficam alegres e outros não? Por quê? — perguntou Plínio, na sua lógica de androide.

— Porque nós, humanos, somos muito diferentes uns dos outros.

— Mas nós, robôs, também temos nossas diferenças. Também temos!

— Sim, como os modelos de fogão, geladeira, televisor...

— Você está me comparando a um eletrodoméstico? Está?

— Esquece, Plínio. Você veio para trabalhar, não para filosofar...